

C.M.B. Biblioteca

C. M. B. BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

DA TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Discurso proferido pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, em Braga, no dia 23 de Setembro de 1958, por ocasião das Comemorações das Bodas de Prata do Estatuto do Trabalho Nacional e do 1.º Aniversário da Instituição das Corporações.

I

Espírito renovador

ENCONTRAMO-NOS hoje aqui reunidos porque, há um ano, elegemos Braga para centro das comemorações do vigésimo quinto aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional e do primeiro da instituição das Corporações. E, como se esperava, Braga, sempre fiel às suas tradições de cidade leal e hospitaleira, soube dar aos actos comemorativos a dignidade e a projecção exigidas pelo significado social e político dos acontecimentos cuja celebração nos trouxe até junto das prestigiosas autoridades e da boa gente da terra gloriosa e progressiva onde, há trinta e dois anos, se iniciou a Revolução Nacional.

E, como se o ambiente histórico e sentimental que nos envolve não bastasse, as circunstâncias haviam de permitir que o XXV aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional ocorresse poucos dias após ter assumido as funções de Ministro da Previdência quem, há um quarto de século, sob a inspiração do Senhor Presidente do Conselho, lançou as bases da nossa política social e corporativa.

O primeiro Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social tem sido lembrado com justiça e afecto em todas as grandes reuniões da família corporativa a que tenho presidido. Mas desta vez é-nos dada a alegria de o termos bem mais perto de nós e como o mais qualificado e o mais próximo colaborador de Salazar. É, pois, a todos os títulos feliz este momento para renovarmos ao timoneiro da primeira hora a expres-

são do mais alto respeito e da mais enternecida simpatia e para recordarmos tempos difíceis e heróicos em que a sua acção esclarecida e vigorosa rasgou amplas perspectivas ao triunfo da ordem corporativa e da justiça social.

O Ministro das Corporações e Previdência Social e os seus colaboradores põem nesta saudação ao primeiro Presidente do Instituto Nacional do Trabalho a afirmação de que sentem força e coragem para manter o espírito revolucionário com que em 1933 se elaborou e começou a executar a «magna carta dos trabalhadores», como acertadamente já foi designado o Estatuto do Trabalho Nacional.

Tais propósitos e a escolha desta data para a instituição de mais duas Corporações — a Corporação da Indústria e a Corporação do Comércio — emprestam singular autenticidade às homenagens que rendemos ao ines-

quecível Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social de 1933 a 1936, — as quais considero grato dever tornar extensivas a quantos, nesse período ou depois, se votaram à obra de dar expressão prática aos princípios formulados nos diplomas legais que hoje rememoramos.

Curvemo-nos ainda perante os nossos mortos — são já tantos! — e glorifiquemos a lição admirável da sua vida consagrada aos nobres ideais de justiça e de fraternidade no trabalho.

II

Programa anunciado — missão cumprida

HÁ pouco mais de três anos, ao tomar posse do cargo que desempenho, fiz algumas declarações sobre a acção futura do Ministério.

Não faltou então quem supusesse que não seria possível dar plena execução aos planos traçados. Confrontando o que se fez com o que se projectou, há-de reconhecer-se que o programa foi cumprido e ultrapassado.

Retomou-se a cruzada corporativa e deram-se importantes passos no aperfeiçoamento e na estruturação do sistema. Constituíram-se dezenas de Sindicatos, Casas do Povo, Grémios, e de Federações e Uniões, e reanimou-se a actividade de muitos outros organismos que não funcionavam por forma satisfatória. E, perante a transcendência do acontecimento, não é sem emoção que nesta data posso considerar completado, com a instituição das Corporações da Indústria e do Comércio, o enquadramento superior das grandes actividades económicas do País.

Também a anunciada campanha de doutrinação se mostra em franco desenvolvimento. Lançou-se o Plano de Formação Social

(Continua na página 6)



O Senhor Ministro das Corporações ao proferir o seu discurso

Sua Santidade o Papa Pio XII

Sobre o falecimento desta eminente figura da humanidade referir-nos-emos no próximo número.

Rost & Janus, Sucrs., L.^{da}

Desde 1889 a mais importante organização do País, no género

Rua Barão de Forrester, 914 — PORTO

Secção de Malhas

Máquinas para malhas interiores e exteriores, meias e peúgas. Máquinas acessórios e de costura especiais, de cerzir, etc. Agulhas e acessórios.

Os melhores construtores mundiais representados por esta Casa

Secção Industrial - Oficinas Metalúrgicas

Construtores de máquinas para dobar fio cruzado e de Tornos Mecânicos **ROSEATE**.
Reparações de máquinas e construção de peças acessórias de alta precisão.

Secção Jucker - Aquecimento

Especializada em montagem de aquecimento central e industrial, humidificação, ventilação, condicionamento de ar, etc., utilizando as mais modernas aparelhagens «CLIMA», de construção italiana, segundo licença americana «MODINE».

Aeroterms Clima para aquecimento industrial, de vários tipos e potências, utilizando vapor até 10 Kgs/m².

Humidificadores Clima, de vários tipos, para instalações automáticas de humidificação ambiente.

Convectores irradiantes Clima, para o equipamento de instalações centrais em habitações, substituindo os vulgares irradiadores de ferro fundido.

Acessórios para vapor, como purgadores, válvulas de retenção, etc.

Ar condicionado — para salões fabris, com o mais moderno sistema CLIMA, de alta e baixa pressão.

Queimador de gasóleo e nafta, da marca MONARCH, com comando de célula foto-eléctrica e em vários tipos e potências caloríficas.



Dirigida por Waldemar Esteves

Hoquei em Patins

ENQUANTO as restantes Associações se mantêm em actividade, mais ou menos certa, no Minho o hoquei em patins morreu com o Campeonato.

Dá-nos a impressão e não nos devemos enganar muito, que se encontra tudo saturado.

Associação, Clubes, público e senhores, até o próprio tempo, que parece avisar o malogro da efectivação de qualquer torneio ou jogo particular.

CICLISMO MOTORIZADO

VAI realizar-se no próximo dia 12 de Outubro, o primeiro Circuito para bicicletas motorizadas em Barcelos. A organização pertence ao Gil Vicente Futebol Clube, que desta maneira procura angariar fundos, para as grandes despesas que lhe acarreta a sua secção de futebol.

O traçado do Circuito, é em bom piso, o que certamente trará até nós, grande número de aficionados da modalidade. Dizem-nos haver em Barcelos bons praticantes e que já está assegurado o concurso de algumas equipas representativas de marcas, que prometem despique animado com os concorrentes locais.

Oxalá o público compreenda e o certamente se torne um êxito. Embora não oficialmente, podemos informar o traçado do percurso que compreende a Avenida Dr. Sidónio Pais, Rua Cândido da Cunha, Avenida Combatentes da Grande Guerra e Avenida Dr. Oliveira Salazar, onde estará instalada a meta.

w. e.

As Senhoras de bom gosto
continuam a dar preferência
às malhas TEBE

VISADO PELA CENSURA

Hoquei em Patins

ENTREVISTANDO ...

A propósito das comemorações das Bodas de Prata da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, foi encarregada de promover em Braga, no passado dia 23 de Setembro, algumas provas desportivas, como por exemplo: ping-pong, futebol, hoquei em patins, etc.

Para tal, convidou alguns clubes campeões daquelas modalidades nos campeonatos corporativos para defrontarem iguais categorias de equipas da região de Braga.

Em hoquei em patins foi convidada a equipa do clube Desportivo da TEBE para se bater com o campeão corporativo desta modalidade, o grupo da casa do Pessoal da Empresa de Cimentos de Leiria.

No decorrer deste encontro a todos os títulos interessante, tivemos oportunidade de falar com um dos atletas em rink e com o orientador técnico e professor de educação física deste simpático agrupamento desportivo.

Começamos pelo primeiro, o patinador Fernando Soares, que nos disse, entre outras coisas, o seguinte:

Há cerca de mês e meio que deixaram de praticar a modalidade por terem terminado os campeonatos que vinham efectuando, e por tal motivo não estavam convenientemente treinados. O jogo-final para o campeonato, que lhes deu a almejada vitória, foi efectuado contra a forte equipa do Banco Espírito Santo, de Lisboa que ganharam pelo «score» de 5-1.

Gostou muito do jogo da TEBE, achando somente que praticavam um jogo duro a que não estavam habituados.

Respondemos-lhe que o Hoquei é um desporto viril e que realmente se presta muitas vezes para a violência mas que não pode ser jogado por senhoras...

Disse-nos ter ficado contente por ter conseguido ser o autor de um dos golos verificados no encontro com a TEBE e que esta viagem foi ótima para poderem aquilatar do desenvolvimento do hoquei no Norte.

Falamos a seguir com o Snr. Fernando Amaral, professor de educação física e orientador da secção de patinagem e hoquei da C. do P. da E. de Cimentos de Leiria.

Figura de bom atleta, disse-nos das dificuldades em conseguir trazer uma equipa igual à que conquistou o campeonato corporativo. O guarda-redes efectivo saiu da Empresa neste inter-

FUTEBOL

A Escola de Jogadores do Gil Vicente Futebol Clube

APÓS tantos anos de espera, parece que sempre se vai concretizar a vontade dos sócios «gilistas». A escola de formação, deve tanto quanto possível, aproximar a técnica do desporto com a educação desportiva. Já os nossos avós diziam, «de pequenino...» e, sem dúvida, que ao começar é mais fácil corrigir caracteres e influenciá-los numa sã doutrinação desportiva. Interessa a nosso ver, tanto como o aperfeiçoamento técnico, um aperfeiçoamento educativo.

Estamos certos que a Ex.^{ma} Direcção se preocupará com este problema e não descuidará a efectivação de aulas cívicas, para que amanhã, o jovem praticante que hoje se inicia, possa dar onde se deslocar, acima de tudo, uma noção de civilidade e educação, fazendo dessa maneira a melhor das propagandas do Clube, da Terra e de si mesmo.

Tem a Direcção do Gil Vicente feito esforços para valorizar o seu grupo de honra. É pena que seja um pouco tarde mas... «mais vale tarde...» e em boa verdade, o Gil bem precisa de reforços.

w. e.

valo, e um dos avançados não pôde vir por doença.

Disse-nos das facilidades da Empresa no que se refere à actividade desportiva, nomeadamente a ginástica e que era no Rink do Bar da Empresa que se efectuavam os treinos e os jogos desta modalidade.

Gostamos imenso de trocar estas breves impressões com estes dois elementos desportivos da equipa que defrontou a TEBE, para o jogo em questão.

Resta-nos dizer alguma coisa sobre o jogo. A TEBE jogou pouco para o que sabe... No entanto, o adversário também facilitou um pouco as coisas, embora no capítulo «choque» viesse mais vezes ao encontro do antagonista.

Destacamos Nestor e Matos. O primeiro melhor que o segundo que tem ainda muito para aprender. Carvalho continua pouco seguro na condução da bola.

Os restantes regulares.

Dos vencidos, quanto a nós Fernando Antunes (avançado) e Isaul Ascenso (médio) foram os melhores, embora Fernando Soares também tivesse cumprido. Enfim uma equipa agradável, com jogo agradável.

Resultado — 5-2.

Marcadores: Pela TEBE — Carvalho 1, Nestor 2 e Matos 2 — Pelos Cimentos de Leiria — Fernando Soares 1 e Fernando Antunes. Árbitro — Rui Rebelo, de Braga.

Taça — Bodas de Prata, entregue no final do jogo pelo chefe do Gabinete de Sua Ex.^a o Ministro das Corporações e por funcionários superiores da FNAT.

O Traje Minhoto As Louças de Barcelos

Características Fundamentais do Traje

(Continuação dos números 60-61)

Os trajes "À lavradeira" pondo de parte as cores, os efeitos e uma ou outra minúcia, sujeitam-se a um padrão geral que é o seguinte:

Na Mulher

Saia curta (aí pelo tornozelo) às listas verticais de roda farta e pregueada miudamente na cinta, com barra larga a que chamam "forro";

Avental, franzido também na parte superior;

Camisa branca, de mangas compridas, apanhadas nos ombros;

Colete que não desce da cintura;

Lenço traçado no peito e apertado atrás, na altura da cinta (a maior das vezes é meio lenço, que substitui perfeitamente o lenço inteiro dobrado em diagonal).

Lenço trespassado sobre a nuca e atado no alto da cabeça (as Minhotas são geralmente muito completas na graciosidade da colação deste lenço);

Algibeira, que na forma lembra o coração e visível entre a saia e o avental;

Meias brancas, feitas à mão;

Chinelas.

No Homem

Jaqueta geralmente preta com botões à frente e nas mangas;

Colete geralmente preto;

Calça geralmente preta, também;

Faixa vermelha ou preta;

Camisa branca lisa.

Trajes da Região de Viana do Castelo

Alguém disse... "Trajes de Santa Marta, Meadela, Carreço, Afife... Quem vos inventou? Que costureiro célebre de Paris ou Londres teve a ousadia de assim entrar nos domínios, vedados aos mortais, da subtilidade das cores, da harmonia do conjunto? Vinde aqui, e perguntai às lavradeiras de Viana que pintor lhes ensinou a combinação das cores nas riscas das suas saias e dos corações estilizados por entre as romagens dos seus lenços de merino?!"

Em Viana do Castelo quando se fala em traje "À lavradeira" sem especificação alguma, entende-se em geral o "vermelho" das lavradeiras de Santa Marta de Portuzelo (freguesia a uma légua, ao Nascente da cidade e na qual há também um belo traje "azul"), não só por ser aquele vestuário o que mais agrada ao

comum dos habitantes pelo seu colorido quente e variado mas ainda por ser o que a indústria caseira e o comércio local mais espalham na região. Notando-se desde já, que na Meadela, freguesia entre aquela povoação e a cidade e noutras aldeias próximas, esse fato se usa também, embora com variantes locais, por vezes tradicionalmente fixadas, mas que não conseguem, todavia, mascarar a cor, o aspecto, a linha primitiva.

Com as modalidades que oferece o vestuário "À lavradeira" podem formar-se pelo menos, três tipos — dois à beira-mar: (de Afife e Carreço um; e de Areosa outro) e um terceiro no interior do Concelho (de Santa Marta de Portuzelo e Pêrre).

Começarei pela descrição do Traje «Vermelho» de Santa Marta de Portuzelo que é o mais complexo na riqueza de ornatos e de cores.

—Saia: nas riscas das saias não há rigorosa uniformidade. Notam-se pequenas diferenças de umas saias para as outras na largura das listas vermelhas e negras e nos fios pretos e brancos (quando os há) que percorrem o meio daquelas listas. Mas à parte essas insignificâncias as cores dispõem-se aos listões vermelhos separados por listas pretas, também longitudinalmente um fio branco ou dois, ou ora um, ora dois de distância em distância. Aparecem muitas saias sem branco, apenas com vermelho e preto.

—Avental: sobressai pelo seu bordado variegado sobre fundo vermelho. Na parte superior — como é de regra nos aventais "À lavradeira" — tem listas ao alto, com mais ou menos bordados, — e, para baixo das listas, o rectângulo com a bordadura que dá carácter a esta peça do vestuário. A bordadura possui, certamente, algo do gosto pessoal das tecedeiras na forma e disposição dos desenhos, mas há sempre nela o que é do gosto geral: a intensidade das cores e a complexidade dos ornatos.

E, equivale isto a dizer que é multiforme a ornamentação destes aventais, mas os que as raparigas mais querem, os mais luxuosos, são os floridos. A esses aventais, enfeitam-nos pelo comum, grandes folhas e flores, estilizadas por diversa maneira, de colorido alegre e vário: róseo, amarelo, verde, branco... e quase sempre uma caprichosa silva negra surge aqui, ali pela barra do avental, entre as folhas e flores enormes. O bordado faz parte do próprio tecido, mas

VII

As Canecas Vidradas

Os primeiros fabricantes de Canecas Vidradas em Barcelos devem ter sido os industriais das Louças Comuns Vidradas, a avaliar pelas afinidades que ainda hoje lhes verificamos.

O barro, procuram que seja branco e não se preocupam se é feldspático, silicioso ou calcáreo (as margas tão procuradas pelos fabricantes das louças estaníferas são aqui desconhecidas); empregam sempre argilas figulinas mais ou menos ferruginosas, o mais branco que podem encontrar para as cores claras e vivas e vermelho tijolo para esta cor. A sua preparação limita-se ao indispensável, nunca beneficiam de qualquer composição e o mais vulgar é empregá-lo com as impurezas, tal qual vem da barreira.

Os vidrados, são plumbíferos, transparentes, coloridos; um sub-silicato ou silicato básico que, pela sua falta de acidez, dissolve as cores e se desvitrifica com extrema facilidade.

As tintas vitrificáveis, quer misturadas no vidrado, ora aplicadas sobre o barro (baixo-vidro), são óxidos metálicos e óxidos terrosos aplicados tal qual os recebem das drogarias, misturados empiricamente sem qualquer regra conveniente ou preparação técnica termo-química, de maneira que os insucessos são tão frequentes como os êxitos. Não possuem fornos de ensaios, nem de frita e nem sequer de reverbero; o forno da cozadura é que tem de desempenhar-se de tudo e quando não são bem sucedidos, na regra geral, atribuem ao sulfureto de chumbo (galena) dos seus vidrados, os seus erros e imprevidências. Apesar de tudo, as canecas têm melhorado progressivamente, embora com uma lentidão aflitiva, e a sua indústria, se não é próspera como o devia e podia ser, é no entanto das melhores remuneradas.

O fabrico das «Canecas de Roda», assim chamadas por ser fabricadas na roda do oleiro, perde-se nas brumas do tempo. Vulgarmente são de extrema simplicidade com uns efeitos de relevo inexpressivo colados sem gosto ou riscadas com sulcos profundos a desenhar gregas e arabescos de mau desenho. Mas sempre que surge oportunidade para amostrarem as suas habilidades (encomenda especial, exposição, etc.), então fabricam canecas interessantíssimas nas quais os enfeitos deixam a sua expressão plana para nos apresentarem caprichosos relevos e movimentos graciosos e mesmo o bico e a asa deixam de ser lisos e oferecem-nos modelações engraçadas. Até a pintura e o vidrado nos parecem melhores porque estes fabricantes sabem tirar partido dos próprios defeitos e deficiências dos seus vidrados.

As «Canecas de Forma» são de fabrico recente; cremos que as primeiras datam de 1908 e só em 1910 ou 12 o seu fabrico começou a desenvolver-se, e mesmo assim, só numa fábrica e ainda com o auxílio da roda do oleiro, onde se forma o corpo da caneca que depois é envolvido pelo molde ao qual, o oleiro, ainda na sua roda, com muita perícia, fazendo pressão com os dedos, obriga o barro a encostar-se, recebendo assim a modelação deste. Este processo, ainda hoje muito seguido, é exclusivo desta região que o inventou, possivelmente inspirada nos jaulos do fabrico de pratos e malgas nas fábricas de faiança de pasta branca. Pelo menos, nunca o vimos seguido em qualquer outro centro cerâmico, nem dele temos qualquer referência. Estas «Canecas de Forma» são igualmente modelações ingénuas, mas algumas bonitas e outras extravagantes, autêntica arte super-realista e surrealista e todas elas caracteristicamente de sabor local. Só nos nossos dias apareceram os primeiros moldes de boa técnica para a produção de canecas, e então, já se vão familiarizando também com a produção por barbotina. É um trabalho ainda imperfeito, mas demonstra evidentemente o desejo de se aperfeiçoarem, de acompanharem o progresso e de produzirem mais e melhor.

As «Canecas de Segredo», também, para os nossos oleiros, não constituem segredo. Já lhes são familiares desde há muito, pois na inauguração da Igreja Paroquial de Areias, em 1900, já elas apareceram. Seriam as primeiras? Charles Lepierre, no seu Boletim de Trabalho Industrial, referindo-se à Louça Preta de Mollelos, como curiosidade, cita «as conhecidas BILHAS DE SEGREDO para água, com aberturas rectangulares no gargalo, em que o operário, como que por malícia, disfarçou a saída da água por meio dum canal interior». Das Canecas de Segredo de Barcelos nada nos diz, mas isto não nos deve surpreender, nem daqui podemos deduzir que se não fabricassem já nessa data, porque, quanto às nossas louças o mutismo é notório (o seu informador em Barcelos nem estava devidamente documentado nem se documentou) e no que se refere a Louças Vidradas limitou-se a dizer que «Barcelos está bem representado». Nem na segunda edição se cuidou de reparar as faltas da primeira. Também nesta mesma data se fabricaram cá estas Canecas de Segredo em terracota polida e decoradas com ramos, musgo e pedras (pequenos seixos). As Canecas de Segredo foram sempre pouco conhecidas, e ainda hoje o são, porque os nossos oleiros só as fabricam por encomenda ou para presentear algum amigo dum maneira mais especial: são trabalhos morosos que não compensam. Fabricadas com as mesmas matérias primas das outras canecas, mas muito diferentes e variáveis na forma e decoração; de concepção original e confecção apropriada a facilitar a canalização e a ocultar os orifícios obstruidores da mesma, estas canecas, são por vezes, de engenho e arte curiosíssimas e quem desconhecer o segredo arrisca-se a tomar um banho se tentar beber por elas.

(Continua no próximo número)

em relevo, obtido por meio de puxamento dos fios, que, assim formam pequenas ansas que denominam moscas e comparáveis no aspecto às otidas com o modelo ponto de fada. Para os ornatos tomarem mais vista, usam tecer-lhes uma orla de cor diferente — no que as lavradeiras-tecedeiras revelam, por mais uma forma, o seu natural sentimento artístico.

—Colete e Algibeira: a mesma predilecção do enfeite e do colorido se patenteia no colete e na algibeira, esta não raro cheia de bordados a lã, vidrilhos, missangas, lentejoulas... com

uma fita encanudada a correr-lhe toda a periferia.

—Meias: bordadas, feitas com abertas ou com relevos de vários feitios.

—Camisa: é bordada a azul nas ombreiras, nos punhos cingidos aos pulsos e no colarete, o que só é visível quando não usam decote e a camisa lhes afoga o pescoço.

—As Chinelas: têm as gáspas das chinelas pretas bordadas a branco. As chinelas de cabedal têm tendência a serem substituídas pelas de verniz.

(Continua)

Mai

Discurso proferido pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social

(Continuação da página 1)

e Corporativa, e os seus órgãos e serviços estão a trabalhar com eficiência. A Junta da Acção Social, ao Centro de Estudos, ao Instituto de Formação Corporativa e à Comissão Coordenadora do Serviço Social do Trabalho se deve já uma obra meritória, que, durante os próximos meses, há-de receber ainda maior impulso nos seus diversos aspectos de coordenação de actividades, de investigação sobre assuntos sociais, de formação de dirigentes e de difusão, através dos mais variados meios de expressão, da doutrina e das realizações.

O fomento da habitação económica está em crescente progresso e a nova lei relativa à cooperação das instituições de previdência e das Casas do Povo no combate à crise de alojamento ficará como acontecimento de extraordinário relevo na história da nossa política habitacional, na medida em que amplia sensivelmente as possibilidades de construção de casas e consagra novos critérios, mais naturais e de maior rendimento social.

A Previdência vem-se alargando e aperfeiçoando e a sua reforma geral constitui objecto de importante proposta de lei em apreciação na Câmara Corporativa. Entretanto, foi antecipada a aplicação de alguns dos princípios informadores dessa remodelação, nomeadamente no que toca aos subsídios por morte e ao esquema de benefícios do seguro na doença. Merece especial referência a concessão do direito ao internamento hospitalar para efeito de intervenções cirúrgicas há pouco decretada.

A reforma dos tribunais do trabalho, velha e legítima aspiração, consta da Lei N.º 2.091, de 9 de Abril findo, e o respectivo Estatuto iniciou a sua vigência em Julho último — facto que a magistratura e o funcionalismo daqueles órgãos da justiça assinalaram com expressivo acto público de reconhecimento ao Governo.

Com vista à regulamentação das condições do trabalho e sua remuneração, foram assinadas dezenas de convenções colectivas e não se hesitou em recorrer à fixação de salários mínimos, através de despacho ministerial, sempre que as entidades patronais não revelaram espírito de cooperação. Centenas de milhar de trabalhadores passaram assim a auferir salários melhores ajustados aos serviços que prestam e ao nível e custo da vida.

A protecção ao trabalho feminino concretizou-se em novas modalidades e revestiu-se de maior eficácia. As medidas tomadas nesse sentido, embora não perfeitamente compreendidas por uma ou outra empresa, foram bem acolhidas pelo País.

Muito se avançou também pelo que respeita à protecção dos sinistrados do trabalho e, no terreno da prevenção dos acidentes e doenças profissionais, rodeia-se do maior interesse a recente legislação sobre segurança nas obras de construção civil. Muito em breve será iniciada a Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes e Doenças Profissionais, estando prontos, além disso, os estudos sobre a Tabela Nacional de Desvalorização dos Sinistrados e sobre a actualização da Lista de Doenças Profissionais.

Em outros domínios da sua competência, o Ministério tem igualmente despendido um grande esforço de renovação. Alargou-se a acção da Inspeção do Trabalho, intensificou-se a protecção aos trabalhadores rurais, aperfeiçoaram-se os serviços de distribuição de casas económicas e o serviço de inquérito às condições de habitação há pouco criado.

Desenvolveu-se a nossa representação em congressos e reuniões internacionais, estão em curso estudos sobre diversos assuntos relacionados com a política do trabalho e acção social e procede-se à revisão dos critérios sobre ocupação dos tempos livres dos trabalhadores, sendo de notar que, de harmonia com o plano oportunamente estabelecido, entrou já em funcionamento uma nova colónia

de férias e que outra se encontra quase concluída.

Em outra ocasião, se for aconselhável, relatarei mais minuciosamente a actividade prosseguida pelo Ministério, pois se me afigura da maior vantagem esclarecer o País acerca do que se fez em ordem à solução de problemas de tanto interesse para a sua vida e para o seu futuro. Por agora, vou abordar apenas aspectos da política a seguir. Deter-me-ei sobre alguns problemas sociais, dispensando-me de analisar as questões respeitantes à organização corporativa, por já o ter feito, em Junho, nas declarações à imprensa estrangeira, e ontem, na conferência realizada no Porto.

Partamos, porém, desta certeza: levaremos por diante, sem desfalecimento ou temor, a "cruzada corporativa" e daremos integral cumprimento à renovada palavra de ordem do Senhor Presidente do Conselho sobre a institucionalização do Regime.

III

Política de salários e repartição da riqueza

II Plano de Fomento há-de concorrer decisivamente para o desenvolvimento económico do País, o qual se torna indis-

pensável à melhoria das condições de vida do povo português.

A elevação dos rendimentos médios da população através do fomento económico constitui forte preocupação do Governo.

Não basta, contudo, aumentar a produção; é preciso também repartir o rendimento com justiça e equidade. Conforme se tem afirmado, pode a elevação dos níveis de rendimento por pessoa não importar melhoria de situação das classes mais débeis, se a distribuição dos rendimentos se efectuar com desequilíbrio e com desrespeito da justiça.

A política de crescimento económico deverá, por isso, completar-se com uma política social adequada, que tome em conta todos os interesses lícitos em causa e pondere a necessidade de repartição da riqueza, através não apenas de serviços e obras de que todos sejam beneficiários e das prestações indirectas da previdência e da assistência, mas também do pagamento do ordenado ou salário justo. Em recente trabalho do Centro de Estudos Sociais e Corporativos do Ministério, onde esta questão é analisada, refere-se que os ordenados e salários acusam mesmo nos países economicamente mais desenvolvidos uma média de cerca de 60% a 90% do rendimento dos trabalhadores, concluindo-se que, para obstar a injustificadas desigualdades na distribuição dos rendimentos entre os vários grupos sociais, se torna mister assegurar, a par do fomento da produção, o gradual reajustamento das remunerações directas do trabalho.

Todavia, como se aponta nesse estudo e tenho declarado noutras oportunidades, convém não esquecer as nefastas repercussões que um aumento indiscriminado e descoordenado de salários é capaz de causar, quer desequilibrando o poder de compra entre os diferentes extractos populacionais, quer contribuindo para o agravamento do preço dos produtos. É já lugar comum dizer-se que as tendências altistas salariais podem anular, e têm anulado, por muita parte, os acréscimos registados nas remunerações.

Por isso mesmo, a melhoria de salários deverá ser acompanhada de providências anti-inflacionistas que eliminem ou esbatam, na medida que em cada caso se mostre aconselhável, as consequências do excesso de procura dos bens de consumo, assim como as do aumento do custo de produção.

(Continua no próximo número)

ENTREVISTANDO . . .

O artigo que publicamos na «Página Desportiva», com o título que nos serve de epígrafe, é da autoria do nosso colaborador Sr. Jalme Ferreira.

INCOMODIDADE

*Pudesse eu ver os galhos despídos
sem pensar nas crianças anémicas
e nos velhos curvados!*

*Pudesse eu ver as folhas vermelhas
sem sentir doer-me*

*o sangue dos himoptises
que tingem todos os outonos!*

Pudesse eu ver as algas

*Não sentindo enleado no sangue
o desespero de todos os naufragos
o amplexo escorregadio dos limos,
as rotas traçadas*

das naus sem destino!

*Pudesse eu tocar as nuvens
sem soltar os pés das raízes
que me prendem a mim!*

*Pudesse eu beijar as estrelas
sem me queimar no seu calor!*

*Pudesse eu calejar-me toda
sem sangue, sem esforço, sem luta, sem suor!*

*Ah! pudesse eu desfazer o sonho
e o sonho desfeito à vida ofertar
que só então teria um lugar humano
no mundo das gentes onde sou a mais*

Maria Rosa Colaço